

Por uma formação decolonial no campo da tradução e interpretação Libras/Língua Portuguesa

Janaina Cabello 

Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, Brasil.

Resumo

O texto apresenta as discussões do Grupo de Estudos Surdez e Diferenças em pauta (GEDISp¹), vinculado ao curso de bacharelado em Tradução e Interpretação Libras/Língua Portuguesa da Universidade Federal de São Carlos, sobre a formação universitária de tradutoras/es e intérpretes de Libras/Língua Portuguesa numa perspectiva decolonial. A partir do ingresso de alunas/os negras/os, indígenas, homossexuais e transexuais na universidade, o espaço de formação começa a tomar novos contornos, provocando o dismantelamento de um conjunto de saberes eurocêntricos e heteronormativos relacionados ao corpo/espaço da/o intérprete de Libras. A partir do pensamento decolonial, discute-se a formação de intérpretes de Libras/Língua Portuguesa considerando a interseccionalidade e a interculturalidade e a produção de materiais em Libras com o objetivo de aproximar tais discussões (também) das pessoas surdas.

Palavras-chave: Surdez; Tradutora/es e Intérpretes de Libras/Língua Portuguesa; Decolonialidade.

Abstract

*For decolonial training in the field of translation and interpretation
Libras/Portuguese Language*

The text presents the discussions of the Study Group Differences and Deafness on the agenda (GEDISp), linked to the course bachelor's degree in translation and interpretation Libras Portuguese Language of Federal University of São Carlos, on the university formation of translators and interpreters of Libras in a decolonial perspective. From admission of black, indigenous, homosexual and transsexual students in the university, the training space begins to take on new shapes, causing the dismantling of a set of Eurocentric and heteronormative knowledge related to the Libras interpreter's body/space. Based on decolonial thinking, the formation of Libras/Portuguese language interpreters is discussed considering intersectionality and interculturality and the production of materials in Libras with the aim of bringing such discussions (also) to deaf people.

Keywords: Deafness; Libras/Portuguese Language Translators and Interpreters; Decoloniality.

¹ Agradeço a cada integrante do GEDISp. Obrigada por tornarem essas discussões possíveis e por me ensinarem todos os dias.

*Para la formación de colonial en el ámbito de la traducción e interpretación
Libras/Lengua Portuguesa*

El texto presenta las discusiones del Grupo de Estudios Diferencias y Sordera en la agenda (GEDISp) vinculado al curso de licenciatura en traducción e interpretación Libras/Portugués de la Universidad Federal de São Carlos, sobre la formación universitaria de traductores e intérpretes de Libras en una perspectiva decolonial. Desde la entrada de estudiantes negras/os, indígenas, homosexuales y sexuales en la universidad, el espacio de capacitación comienza a tomar nuevas formas, provocando el desmantelamiento de un conjunto de conocimientos eurocéntricos y heteronormativos relacionados con el cuerpo/espacio del intérprete de Libras. Basado en el pensamiento decolonial, se discute la formación de intérpretes de idioma libras/portugués considerando la interseccionalidad e interculturalidad y la producción de materiales en libras con el objetivo de llevar tales debates (también) a personas sordas.

Palabras clave: Sordera; Traductores e Intérpretes de Lengua Portuguesa/Libras; Decolonialidad.

O corpo como suporte do texto: tradutoras/es e intérprete de Libras

Posso até ir ao fim do mundo, posso, de manhã, sob as cobertas, encolher-me, fazer-me tão pequeno quanto possível, posso deixar-me derreter na praia, sob o sol, e ele estará sempre comigo onde eu estiver. Está aqui, irreparavelmente, jamais em outro lugar. Meu corpo é o contrário de uma utopia, e o que jamais se encontra sob outro céu, lugar absoluto, pequeno fragmento de espaço com o qual, no sentido estrito, faço corpo. Meu corpo, topia implacável (FOUCAULT, 2013, p. 7).

A língua brasileira de sinais (Libras), reconhecida como língua da comunidade surda brasileira em 2002 (BRASIL, 2002;2005) é produzida e percebida através da modalidade visual e gestual, ou seja, envolve múltiplos aspectos relacionados diretamente ao *corpo* de quem sinaliza (sejam surda/os ou ouvintes). De acordo com Harrison (2014), as línguas de sinais são produzidas “por movimento das mãos, do corpo e expressões faciais em um espaço em frente ao corpo, chamado de espaço de sinalização. A pessoa ‘recebe’ a sinalização pela visão, razão pela qual as línguas de sinais são chamadas visuoespaciais ou espaço-visuais” (p. 31).

Nessa direção, proponho neste texto refletir sobre o *corpo* que sinaliza e, nesse sentido, no texto (visual) que corre por esse suporte/corpo e, portanto, é produzido por ele. No país, as discussões a respeito da necessidade e da importância fundamental das/os tradutoras/res e intérpretes de Libras/Língua Portuguesa como agentes nos processos de acessibilidade linguística para as pessoas surdas vêm sendo feitas principalmente nas duas últimas décadas, sendo mais explorada a atuação desse profissional no cenário educacional, como já apontado amplamente por diversos autores (LACERDA, 2010; 2007; 2006; ALBRES, 2019; MARTINS, 2008).

Nesse contexto, as discussões têm versado sobre a necessidade de que as tradutoras/es intérpretes de Libras/Língua Portuguesa tenham fluência/competências tradutórias (RODRIGUES, 2018); que também tenham formação mais próxima da esfera com a qual irá atuar, principalmente quando se trata do contexto educacional (SILVA, OLIVEIRA, 2016; KOTAKI, LACERDA, 2014); que estejam atentos aos processos de significação e ao contexto dos discursos interpretados (SANTIAGO, 2014); que busquem ampliar o léxico da Libras (ALBRES, 2014); que reflitam, em sua atuação, sobre a construção de sentidos no processo de tradução e interpretação entre Libras e português (NEGREIROS, BARROS, 2017), entre outros pontos importantes para a formação e consolidação profissional da categoria no país².

Contudo, neste breve trabalho, trago à tona reflexões sobre *os corpos* das/os tradutoras/es intérpretes de Libras/Língua Portuguesa, em suas *múltiplas materialidades*, ou seja, também como elemento discursivo que se constitui no/pelo olhar do(s) outro(s), uma vez que, com a emergência de novas produções acadêmicas sobre questões relativas à diferença étnica, ao multiculturalismo e às identidades culturais “as buscas de construção de processos educativos culturalmente referenciados se intensificam” (OLIVEIRA, CANDAU, 2010, p. 16).

Desse modo, como pensar o texto em Libras e na língua visual que se materializa em um *corpo* que precisa ser *visto*, sem considerar esse próprio *corpo*, que até então era fundamentalmente masculino, branco, heteronormativo e que agora, justamente por suas diferenças étnicas, raciais, culturais (que marcam os lugares que ocupam social/cultural/historicamente), chama a atenção para si mesmo, tensionando o que era dado como a imagem de tradutoras/es e intérpretes de Libras/Língua Portuguesa?

Nesse sentido, salientamos a existência da multiplicidade de corpos (quanto à raça, gênero, classe social, por exemplo) nos contextos de formação de tradutoras/es e intérpretes de Libras/Língua Portuguesa na atualidade, em um momento histórico em que a garantia dos Direitos Humanos vem sendo sistematicamente ameaçada (não

² Apesar de avanços nesse sentido, foi lançado em julho de 2019 pelo governo federal o programa “Pátria Voluntária”, que tem incentivado amplamente a atuação de tradutores e intérpretes de Libras como voluntários, indo na contramão de uma luta histórica pela formação profissional e acadêmica da categoria no país. Disponível em: <<http://mds.gov.br/assuntos/patriavoluntaria>>. Acesso em: 3 jan. 2020. A esse respeito, é possível consultar a nota de repúdio divulgada pela Federação Brasileira das Associações dos Profissionais Tradutores e Intérpretes e Guia-Intérpretes de Língua de Sinais (Febrapils). Disponível em: <<http://blog.febrapils.org.br/nota-de-repudio-a-precarizacao-da-atuacao-e-remuneracao-de-profissionais-tradutores-interpretes-e-guia-interpretes-de-libras/>>. Acesso em: 3 jan. 2020.

apenas no cenário nacional, mas globalmente e mais destacadamente na América Latina³). Nesse sentido, grupos sociologicamente minoritários vêm sendo repetidamente vítimas de violências⁴ físicas e simbólicas e de políticas que têm ameaçado sistematicamente a existência de formas de vidas assujeitadas por um poder colonial conservador e neoliberal (WALSH, 2013), como por exemplo, as mulheres, as pessoas pobres, indígenas, negras e as pessoas que integram a comunidade LGBT.

Paradoxalmente, presenciamos uma entrada significativa de alunas/os pobres, negras/os, indígenas, homossexuais, transexuais, pessoas com deficiência (para citar algumas diferenças) no curso de bacharelado em tradução e interpretação Libras/Língua Portuguesa (TILSP)⁵, onde sou professora. Sem desconsiderar a amplitude

³ A respeito da banalização da discussão acerca dos Direitos Humanos no Brasil, destaco a matéria que discute a respeito a partir do assassinato na vereadora Marielle Franco: “O que são direitos humanos e por que há quem acredite que seu propósito é a defesa de bandidos?”. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-43465988>>. Acesso em: 23 dez. 2019. Sobre as investidas contra os direitos humanos na América Latina, destaco discussões mais recentes no Chile (“Polícia do Chile violou direitos humanos, diz ONGs”. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/11/26/policia-do-chile-violou-direitos-hu-manos-diz-ong.ghtml>>. Acesso 23 dez. 2019), na Colômbia (“ONU alerta para aumento dos ataques contra defensores dos direitos humanos na Colômbia”. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/onu-alerta-para-aumen-to-dos-ataques-contra-defensores-dos-direitos-humanos-na-colombia/>>. Acesso em: 23 dez. 2019) e na Bolívia (“Violações de direitos na Bolívia demandam investigação internacional, diz chefe de comissão interamericana”. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/mundo/violacoes-de-direitos-na-bolivia-demandam-investigacao-internacional-diz-chefe-de-comissao-interamericana-24103457>>. Acesso em: 23 dez. 2019.

⁴ Alguns dados recentes sobre a violência contra esses grupos podem ser acessados, por exemplo, em: “Violência contra mulheres e a pouca produção de informações”. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/artigos/a-violencia-contra-as-mulheres-e-a-pouca-producao-de-informacoes/>>. Acesso em: 11 jul. 2018; “Taxa de homicídios de negros cresce em 10 anos e mortes de brancos caem”. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2018/06/05/taxa-de-homicidios-de-negros-cresce-26-em-10-anos-mortes-de-brancos-caem.htm>>. Acesso em: 11 jul. 2018; “Na ONU Brasil mascara violência contra povos indígenas”. Disponível em: <<https://www.cimi.org.br/2018/03/na-onu-brasil-mascara-realidade-de-violencia-contra-povos-indigenas>>. Acesso: 11 jul. 2018; “Com redação nota mil no ENEM jovem surdo não consegue seguir em cursos de duas universidades por falta de acessibilidade”, Disponível em: <<http://dc.clicrbs.com.br/sc/estilo-de-vida/noticia/2017/11/com-redacao-nota-mil-no-enem-jovem-surdo-nao-consegue-seguir-em-cursos-de-duas-universidades-por-falta-de-acessibilidade-9987721.html>>. Acesso em: 11 jul. 2018; “Assassinatos de LGBT crescem 30% entre 2016 e 2017, segundo relatório”. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/assassinatos-de-lgbt-crescem-30-entre-2016-2017-segundo-relatorio-22295785>>. Acesso em: 11 jul. 2018.

⁵ O ingresso desses alunos na Universidade vem sendo feito, até então, por políticas de ações afirmativas que são discutidas desde 2006 na universidade, com o início da implantação do ingresso de alunos por reserva de vagas no ano de 2008. Atualmente, tais políticas têm sido discutidas no âmbito federal, a partir de propostas que visam a extinção de o critério racial da política de cotas nas instituições federais, por exemplo. A esse respeito, por exemplo: “Ameaças ao direito de igualdade põem em xeque a política de cotas no Brasil”. Disponível em: <<https://ww2.uft.edu.br/index.php/ultimas-noticias/25857-amea-cas-ao-direito-de-igualdade-poem-em-xeque-a-politica-de-cotas-no-brasil>>. Acesso em: 3 jan. 2020.

de tantas *outras* formas de ser, portanto, me interessa discutir e (re)pensar sobre os modos como nós, formadoras/es de futuros profissionais tradutoras/es e intérpretes de Libras/Língua Portuguesa, temos considerado aspectos relacionados às diferenças de gênero e raça, (principalmente) que são/estão marcadas nos corpos das e dos intérpretes de Libras e que também produzem sentidos e significados, uma vez que são incorporados aos discursos sinalizados/interpretados em Libras por esses profissionais.

Desse modo, mais do que discutir o corpo tomando-o como biológico, natural, segmentável ou transparente (MILANEZ, 2006), nos valem da compreensão foucaultiana de que o *corpo*

[...] não se deixa reduzir tão facilmente. Afinal, ele tem suas fontes próprias de fantástico; possui, também ele, lugares sem lugar e lugares mais profundos, mais obstinados ainda que a alma, que o túmulo, que o encantamento dos mágicos. Possui, também ele, suas caves e seus celeiros, tem abrigos obscuros e plagas luminosas (FOUCAULT, 2013, p. 10).

As reflexões, portanto, serão feitas a partir de uma abordagem crítica e interdisciplinar, colocando em diálogo o conceito de heterotopia (FOUCAULT, 2013, p. 24), que “tem como regra justapor em um lugar real vários espaços que, normalmente, seriam ou deveriam ser incompatíveis” e o conceito de decolonialidade discutido por Catherine Walsh (2009), que propõe visibilizar as lutas contra a colonialidade a partir das pessoas, das suas práticas sociais, epistêmicas e políticas⁶.

Compreendidos dessa maneira, tomamos os corpos das/os tradutoras/es e intérpretes de Libras/Língua Portuguesa não apenas como “suportes para um texto visual”, mas também enquanto lugar de significação e de produção de sentidos, e os corpos transgêneros, homossexuais, negros e indígenas como espaços heterotópicos, como aqueles que verdadeiramente não têm espaço algum e, sendo *outros*⁷, reservam uma potência criativa, capaz de promover resistências às formas de saber e poder normativos e, portanto, como potências criativas insurgentes justamente por suas diferenças. Em outras palavras, concordamos com Azevedo (2018) quando

⁶ Embora Catherine Walsh tenha como importante influência as bases marxistas em sua produção intelectual (LIMA, 2017), a brevidade deste texto não me permite aprofundar as discussões que ora aproximam, ora afastam esse referencial teórico e o pós-estruturalismo foucaultiano. Muitos autores discutem a respeito, como, por exemplo, Cruz (2019).

⁷ O uso da palavra “outros” (como adjetivo) é bem marcado na obra “O corpo utópico e as heterotopias” de Michel Foucault (2013). Escolho, no texto, qualificar a potência criativa dos corpos transgêneros, homossexuais, negros e indígenas, principalmente, a partir deste conceito, apresentando a palavra grafada em itálico.

afirma que “o corpo também é instrumento de resistência às formas de objetivação. É nesse sentido que pretendemos investigar o corpo enquanto espaço heterotópico: um corpo que resiste” (p. 5).

Nesse ensejo, no campo da tradução e interpretação Libras/Língua Portuguesa, é necessário que, como educadoras/es, estejamos abertos para a “[...]” consideração, atenção e reflexão para os radicalmente ‘outros’ modos e condições de pensamento” (WALSH, 2013, p. 13) se quisermos propiciar com nossas práticas pedagógicas o questionamento do poder colonial que sustenta um conjunto de saberes legitimados socialmente e presente cotidianamente em nossas relações e nos afastarmos dele em práticas/saberes decoloniais que assumem “o desafio de construir atalhos que inspirem a rebeldia e a desobediência por sugerir opções fronteiriças quando se trata de garantir a pluralidade, bem como outros lugares de conversa” (MIRANDA, RIASCOS, 2016, p. 545).

Desse modo, na formação de tradutoras/es e intérpretes de Libras/Língua Portuguesa em uma perspectiva decolonial, é preciso que estejamos comprometidos/as com

[...] pedagogias que estimulem o pensar de e com genealogias, racionalidades, conhecimentos, práticas e modos civilizatórios e de vida distintos. Pedagogias que incitam possibilidades de estar, ser, sentir, existir, fazer, pensar, olhar, escutar e saber de outro modo, pedagogias comprometidas e ancoradas em processos e projetos de caráter, horizonte e intenção decolonial (WALSH, 2013, p. 13).

Nesse sentido, é preciso considerar que a decolonialidade de “[...]” implica partir da desumanização e considerar as lutas dos povos historicamente subalternizados pela existência, para a construção de outros modos de viver, de poder e de saber” (OLIVEIRA, CANDAU, 2010, p. 24). Uma formação decolonial, portanto, é compreendida como aquela “promotora/libertadora de modos ‘outros’ de existir, colocando-se contra o projeto da colonialidade/modernidade e seu mito sacrificial” (DIAS, ABREU, 2019, p. 1219).

No que se refere ao campo da formação específica de tradutoras/es e intérpretes de Libras/Língua Portuguesa, essa formação pode ser pensada a partir do questionamento do que comumente vem sendo atribuído aos aspectos de “profissionalização” do intérprete de Libras: formas de se vestir, de se pentear, adereços usados/recusados, práticas adotadas durante a sinalização. Embora as normativas da profissão de tradutoras/es e intérpretes de Libras mais recentes (FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ASSOCIAÇÕES DOS PROFISSIONAIS TRADUTORES E

INTÉRPRETES E GUIA-INTÉRPRETES DE LÍNGUA DE SINAIS, 2014) não citam diretamente esses aspectos, o primeiro material amplamente divulgado no país sobre a atuação do profissional tradutor e intérprete de Libras previa como um dos princípios fundamentais da ética do profissional tradutor e intérprete a necessidade de adotar “uma conduta adequada de se vestir, sem adereços, mantendo a dignidade da profissão e *não chamando atenção indevida sobre si mesmo*, durante o exercício da função” (QUADROS, 2004, grifos meus).

Apesar da publicação do documento ter sido feita há quase duas décadas, essa afirmação permanece nos discursos e nas práticas de formação e atuação de tradutores e intérpretes de Libras até hoje, além de aparentemente estar também no imaginário de surdos e ouvintes, praticamente não sendo questionada⁸.

A partir dessas orientações sobre a atuação “ética” dos intérpretes de Libras, questiono: quais vestimentas e adereços mantêm – e quais *não* mantêm – a “dignidade” da profissão? De fato, haveria algum adereço, forma de se pentear, de se vestir, que atentasse contra a “dignidade” das pessoas surdas para as quais interpretamos, ou o que está sendo chamado de “digno”, nesse caso, se refere historicamente aos modos como construímos e legitimamos práticas formativas de tradutoras/es e intérpretes de Libras/Língua Portuguesa tendo como referência uma “epistemologia eurocêntrica ocidental dominante, [que] não admite nenhuma outra epistemologia como espaço de produção de pensamento crítico nem científico” (GROSFUGUEL, 2007, p. 35)?

Assim, aparentemente, os espaços de formação de tradutoras/es intérpretes de Libras/Língua Portuguesa não têm escapado de classificações de gênero, raciais e étnicas, ao determinar modos de atuação/interpretação pautados em fazeres que não

⁸ A esse respeito, diversos episódios particulares vivenciados por mim, meus alunos e minhas alunas em nossas práticas de tradução e interpretação vêm confirmando essa percepção. Aqui, como situação bastante emblemática, cito o episódio em que um intérprete de Libras (homem) foi contratado para atuar em um evento acadêmico que aconteceria em uma universidade estadual do interior do estado de São Paulo e que abordaria a temática da gramática da Libras, principalmente. Em uma das palestras, o intérprete estava vestindo uma camiseta preta (como tradicionalmente foi instituído como “uniforme” para esses profissionais) e uma saia preta, o que imediatamente gerou inúmeros comentários entre os surdos presentes e também via internet (uma vez que o evento estava com transmissão *online*) a respeito da “postura ética” do intérprete. Sua atuação em nenhum momento foi questionada, pelo contrário, o profissional é bastante reconhecido por surdos e ouvintes por suas capacidades técnicas e domínio da Libras, porém, a “quebra” de um padrão heteronormativo – um homem usando uma saia – acabou impulsionando a discussão sobre quais seriam os direitos e deveres dos intérpretes de Libras o que, em um segundo momento, chama a discussão para questões de gênero e tensiona as formas com que essas pautas têm sido debatidas também pelas comunidades surdas.

consideram, por exemplo, as especificidades e potencialidades de corpos transgêneros; de corpos indígenas e de negras/os (com suas características culturais, além de diferentes tonalidades de cor de pele e de cabelos); o uso de adereços com representação étnica ou religiosa, por exemplo. Os *outros* corpos, nesse cenário, parecem ser carregados de modos de fazer “não dignos” que, para serem “éticos”, “profissionais” e, portanto, legitimados, precisam, minimamente, apagar suas diferenças.

Esse “apagamento” que tem se mantido no contexto de formação de tradutoras/es e intérpretes de Libras/Língua Portuguesa pode, por um lado, ser reflexo da ainda recente entrada desses *outros* corpos nesse campo de formação, mas, em contrapartida, pode ser produto de práticas formativas que, sem um enfoque crítico sobre as diferenças, relaciona-se ao que Walsh (2005) apresenta como “colonialidade do ser” e não existência. Segundo a autora, “em virtude de ser uma negação sistemática da outra pessoa e uma determinação furiosa para negar ao outro todos os atributos de humanidade, o colonialismo obriga as pessoas que ele domina a perguntar-se: em realidade quem eu sou?” (FANON apud WALSH, 2005, p. 22).

Portanto, provocada por essas “não existências” (WALSH, 2005) no campo da tradução e interpretação Libras/Língua Portuguesa, proponho, inicialmente com um grupo de alunas, o Grupo de Estudos Diferenças e Surdez em pauta⁹, com o objetivo de discutir o impacto desses *outros* corpos e no que apresentam como potências criativas justamente por sua diferença – na acepção foucaultiana – no campo da tradução e interpretação de/para Libras, mais especificamente e, conseqüentemente, na produção de sentidos nessa língua.

Sob a lente de uma formação decolonial, que “[...] revela a identidade escondida sob a pretensão de teorias democráticas universais ao mesmo tempo que constrói identidades racializadas que foram erigidas pela hegemonia de categorias de pensamento, histórias e experiências do ocidente” (MIGNOLO, 2008, p. 297), considero que o contexto de formação da tradução e interpretação Libras/Língua Portuguesa não pode se furtar a discutir sobre as implicações das diferenças étnicas, raciais, de classe e gênero no que se refere aos espaços ocupados por esses profissionais. Nessa direção, é preciso proporcionar a reflexão sobre modos de formação de tradutoras/es e intérpre-

⁹ As atividades do grupo são caracterizadas como atividades de extensão, vinculadas ao curso de bacharelado em Tradução e Interpretação Libras/Língua Portuguesa da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

tes de Libras/Língua Portuguesa que propicie a “reconstrução radical do ser, do poder e do saber” (OLIVEIRA, CANDAU, 2010, p. 24).

Nesse cenário, considero que o campo de formação de tradutoras/es e intérpretes de Libras não escapa da invenção da diferença colonial, como afirmado por Miranda e Riascos (2016):

De um lado, o que se vê são grupos estabelecidos e que herdaram os lugares de prestígio social e as vantagens desses processos – os chamados euro-descendentes –, mas também, aqueles que se forjaram como tal. Do outro lado, os fixados socialmente como outsiders e, conseqüentemente, impedidos de participar em iguais condições dessas esferas dominadas pelo primeiro grupo (p. 449-550).

Assim, o que propomos com o Grupo de Estudos Diferenças e Surdez em pauta (GEDISp) é um exercício de “desobediência epistêmica” (MIGNOLO, 2008) no campo de formação de tradutoras/es e intérpretes de Libras/Língua Portuguesa, o que significa “pensar a partir da exterioridade e em uma posição subalterna vis-à-vis à hegemonia epistêmica que cria, constrói, erege um exterior a fim de assegurar sua interioridade” (MIGNOLO, 2008, p. 304), ou seja, práticas que *desobedeçam*¹⁰ o que vem sendo proposto no campo de formação desses profissionais até então, em modos de fazer e ser que operam na suposição “de que identidades essenciais entre as comunidades marginalizadas (por razões raciais, de gênero e sexuais) são as que merecem reconhecimento” (MIGNOLO, 2008, p. 304).

Discorrerei a seguir sobre como o grupo tem se organizado quanto às discussões, práticas de formação/atuação e produções em Libras nessa direção.

Corpos que se encontram: a criação do GEDISp

O grupo começou a articular suas discussões no início de 2018, a partir da procura de quatro alunas do TILSP por temas e discussões que propusessem o atravessamento das discussões sobre surdez e tradução/interpretação Libras/Língua Portuguesa com questões de raça, gênero e classe, principalmente. Isso porque o grupo de alunas era formado por jovens que, depois de um semestre no curso, começaram a sentir algumas dificuldades em relação aos trabalhos práticos exigidos nas disciplinas (como quando, por exemplo, a roupa preta recomendada aos intérpretes nem sempre

¹⁰ No sentido do que propõe Mignolo (2008), ou seja, o rompimento de uma concepção racista e patriarcal que “nega o agenciamento político às pessoas classificadas como inferiores (em termos de gênero, raça, sexualidade, etc)” (p. 287).

provocava o contraste necessário para que a sinalização do discurso fosse nítida, principalmente para as alunas negras e indígenas, ou quando havia a orientação para que tatuagens e pinturas no corpo – no caso indígena – fossem retiradas ou cobertas¹¹).

De algum modo, essas alunas começaram a se sentir no “lugar errado” e foi o sentimento de certa “inconformidade” que impulsionou a criação do grupo e mobilizou as discussões acerca de aspectos relacionados à interseccionalidade¹² durante a formação de intérpretes de Libras. A interseccionalidade é compreendida, nesse contexto, como

[...] uma teoria transdisciplinar que visa apreender a complexidade das identidades e das desigualdades sociais por intermédio de um enfoque integrado. Ela refuta o enclausuramento e a hierarquização dos grandes eixos da diferenciação social que são as categorias de sexo/gênero, classe, raça, etnicidade, idade, deficiência e orientação sexual. O enfoque interseccional vai além do simples reconhecimento da multiplicidade dos sistemas de opressão que opera a partir dessas categorias e postula sua interação na produção e na reprodução das desigualdades sociais (BILGE, 2009, p. 70, *apud* HIRATA, 2014, p. 62-3).

Durante o ano de 2018 o grupo dedicou-se à leitura de textos e ao levantamento de materiais teóricos que propusessem a relação entre os temas gênero, raça e classe com os campos de estudos acerca da surdez, da interculturalidade (WALSH, 2013) e da formação de tradutora/es e intérpretes de Libras/Língua Portuguesa, sendo que poucas discussões nessa direção foram encontradas até então relacionando o campo da interpretação em Libras, o campo da surdez e as diferenças de raça, classe e gênero¹³, bem como discussões que propusessem pautas para uma formação no campo da tradução e interpretação Libras/Língua Portuguesa considerando, especificamente, os *outros* corpos em suas multiplicidades, partindo de um universo intersubjetivo que não o eurocentrado (QUIJANO, 2005).

Desse modo, organizamo-nos para

[...] colocar em cena uma perspectiva crítica de interculturalidade, que se encontra vinculada a uma pedagogia e práxis orientadas ao questionamento,

¹¹ As orientações citadas são já bastante difundidas na área, originando materiais de consulta e recomendações sistematizadas em manuais, como, por exemplo, o material intitulado “Gravação de materiais em Libras na SEDIS/UFRN – orientações para tradutores e interpretes”. Disponível em: <<https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/22344/1/Gravacao%20de%20Materiais%20em%20LIBRAS%20na%20SEDIS%20-%20UFRN%28Livro%20digital%29.pdf>>. Acesso em: 11 jan. 2019.

¹² Para um aprofundamento sobre as discussões acerca do conceito de interseccionalidade e seus tensionamentos, consultar Hirata (2014).

¹³ Alguns dos temas discutidos ao longo dos encontros foram: negritude e a surdez (FURTADO, 2011; 2012; MORAIS, MONTEIRO, 2018); a questão de gênero e surdez (KLEIN, 2007; ABREU, 2015; RIBEIRO, 2017), o movimento indígena e a surdez (ARAÚJO, 2018). No levantamento dos materiais, apenas uma dissertação relacionando surdez, raça e gênero nos processos de escolarização de alunos surdos foi encontrada (VEDOATO, 2015).

transformação, intervenção, ação e criação de condições radicalmente distintas de sociedade, humanidade, conhecimento e vida; projetos de interculturalidade, pedagogia e práxis que levam à decolonialidade (WALSH, 2009, p. 1).

Em outras palavras, foi a partir da compreensão do corpo heterotópico, ou seja, como *locus* de resistência aos processos de subjetivação identitária em meio às relações de poder, que as discussões do grupo foram sendo delineadas, tomando sempre as experiências vividas pelas alunas em seus *corpos*; suas experiências singulares como intérpretes de Libras em formação e que, por justamente atuarem com uma língua visual, precisam “aparecer”, ter seus corpos vistos, ao mesmo tempo em que suas diferenças – marcadas justamente no corpo – são levadas ao apagamento por uma concepção ideal do que seria o intérprete de Libras: branco, heterossexual, homem (preferencialmente) e cisgênero. Intérpretes de Libras em formação, com o estranhamento de um *corpo* que, como definido por Foucault (2013):

Corpo incompreensível, corpo penetrável e opaco, corpo aberto e fechado: corpo utópico. Corpo absolutamente visível, em um sentido: sei muito bem o que é ser olhado por alguém da cabeça aos pés, sei o que é ser espiado por trás, vigiado por cima do ombro, surpreso quando percebo isso, sei o que é estar nu; no entanto, este mesmo corpo que é tão visível, é afastado, captado por uma espécie de invisibilidade da qual jamais posso desvendá-lo (p. 11).

Com a ampliação das discussões e apresentação dos trabalhos realizados pelo GEDISp em eventos locais¹⁴ no ano de 2019, atualmente o grupo conta com a participação regular de 15 integrantes, alunas/os do curso de formação de tradutores e intérpretes de Libras, de licenciaturas e uma profissional tradutora/intérprete de Libras/Língua Portuguesa que atua na universidade.

Os encontros são mensais, abertos à comunidade acadêmica e externa à universidade sendo que, a partir do segundo semestre de 2019, passamos também a estudar materiais (textos escritos e/ou vídeos) que versam sobre a temática das diferenças (de gênero e raça, principalmente) e que são divulgados de forma pública em redes sociais e plataformas como o *Youtube*, principalmente. Nosso objetivo, além de discutir sobre as possibilidades de *outras* práticas de tradução a partir de *outros* corpos, é tam-

¹⁴As discussões do GEDISp foram apresentadas na V Semana do curso TILSP, realizado em junho de 2019 na UFSCar. Disponível em: <<https://sites.google.com/view/vsemanatilspufscar/programa%C3%A7%C3%A3o?authuser=0>>. Acesso em: 1 out. 2020; e no evento “Pensar a educação em Direitos Humanos através da relação corpo e língua: perspectivas decoloniais”, realizando em novembro de 2019, na Unicamp. Disponível em: <<https://www.fe.unicamp.br/eventos/agenda-de-eventos/pensar-a-educacao-em-direitos-humanos-atraves-da-relacao-corpo-e-lingua>>. Acesso em: 1 out. 2020.

bém o de traduzir para a Libras conteúdos que possam aproximar as discussões pautadas pelo grupo da comunidade surda, partindo de materiais que o GEDISp avalia como relevantes, a partir de suas experiências pessoais e suas existências.

Para a escolha do tema e dos materiais que estão sendo traduzidos como um “piloto”¹⁵ elegemos explorar inicialmente a temática “gênero” e, em conjunto, discutimos e estudamos os materiais selecionados. Também compartilhamos textos e materiais (em Língua Portuguesa e em Libras) que têm nos ajudado a compreender os conceitos com os quais temos trabalhado e a construir sinais-termo¹⁶ em Libras, que são avaliados posteriormente por participantes surdos convidados (no sentido de avaliar a produção de sentidos, escolhas tradutórias, clareza na sinalização, escolha do léxico em Libras, por exemplo). A Figura 1 é um exemplo do material escolhido para ser traduzido para Libras.



Figura 1 – Figura que compõe o “Mini Guia de Termos”, material divulgado na página da rede social *Facebook* “Uma Nuvem que Tenta”¹⁷.

¹⁵ Chamo aqui de versão “piloto” porque os materiais ainda estão na fase de desenvolvimento, ou seja, a tradução ainda está em fase de construção, com estudo e pesquisa de sinalários e consulta junto a representantes surdos e surdas, além de serem finalizadas as etapas de edição para posterior divulgação na plataforma *Youtube*. Os materiais que estão sendo produzidos como “piloto” são traduções da série “Mini Guia de Termos” e referem-se às discussões sobre gênero, identidade e performance. O material está disponível na página da rede social *Facebook* “Uma nuvem que tenta”. Disponível em: <https://www.facebook.com/pg/nimbusdesenios/photos/?tab=album&album_id=2229988150572286>. Acesso em 4 jan. 2019

¹⁶ De acordo com Santos (2017, p. 51), o sinal-termo “advém da premência de um sinal representar e conceituar os vocábulos na LS [língua de sinais], dentro do contexto das áreas específicas e tecnológicas, com base em conceitos abstratos e definições de determinado objeto da área de especialidade”.

¹⁷ Disponível em: <https://www.facebook.com/pg/nimbusdesenios/photos/?tab=album&album_id=2229988150572286>. Acesso 31 out. 2019.

A consulta de materiais em Libras é realizada pelo GEDISp principalmente em redes sociais e canais do *Youtube* que já discutem sobre gênero e que são desenvolvidos pela comunidade surda. A pesquisa busca encontrar vocabulário de termos específicos em Libras que já têm circulação entre a comunidade surda, além de propiciar um levantamento sobre como os surdos vêm discutindo a temática.

Dentre outros canais¹⁸, temos nos apoiado no canal do *youtuber* surdo Léo Viturino, que, além de apresentar vocabulário específico sobre o tema “gênero” em Libras, faz discussões importantes a respeito de temáticas como homossexualidade, relacionamento afetivo entre surdos e ouvintes, censura e a própria fluência em Libras¹⁹.



Figura 2 –*Print* do vídeo do canal de Léo Viturino, consultado para a elaboração dos materiais do GEDISp²⁰.

As etapas de gravação e produção do material “piloto” são ilustradas nas Figuras 3 e 4.

¹⁸ Outros canais consultados: Kitana Dreams. Disponível em: <<https://www.youtube.com/user/kitanamcnew>>; H-LIBRAS <https://www.youtube.com/watch?v=10fOTfRP7gU>>. Acesso em: 11 jan. 2020.

¹⁹ O canal de Léo Viturino está disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCR_-CWbo-1ZhNsQLyzKJL7DA>. Acesso em: 11 jan. 2020.

²⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCR_-CWbo-1ZhNsQLyzKJL7DA>. Acesso em: 31 out. 2019



Figura 3 – Momento das gravações das traduções do material em Libras.

Por fim, uma imagem do vídeo produzido pelo GEDISp, com uma proposta de tradução para o material selecionado (Figura 4).



Figura 4 – *Print* do vídeo produzido pelo Grupo. À esquerda, a imagem do material que apresenta e conceitua o termo “dragqueen”. À direita, a aluna tradutora e intérprete de Libras realizando a tradução do texto do português escrito para Libras.

Pretendemos, após a etapa de finalização das gravações e edições dos materiais, disponibilizar os vídeos que estão sendo produzidos pelo grupo em um canal do GEDISp na plataforma *Youtube*, no sentido de fazer com que as produções e discussões realizadas possam contribuir para novas propostas de trabalho e formação de tradutoras/es e intérpretes de Libras/Língua Portuguesa em uma perspectiva decolonial.

Algumas considerações

Fui provocada a pensar sobre a necessidade de discutir sobre os *outros* corpos (na perspectiva analítica foucaultiana) que entram em cena no contexto de formação universitária de tradutoras, tradutores e intérpretes de Libras: alunas negras e negros, indígenas, homossexuais e transexuais. A partir do ingresso dessas/es estudantes no curso TILSP, o espaço de formação começa a tomar novos contornos, provocando o desmantelamento de um conjunto de saberes relacionados ao corpo/espaço das/os tradutoras/os intérpretes de Libras (até então fundamentalmente branco, masculino, heteronormativo).

Nesse cenário, a criação do GEDISp vem atender demandas trazidas por esses *outros* estudantes, compreendendo que o campo de formação em tradução e interpretação tem discutido pouco sobre a decolonização de corpos, mentes, fazeres e práticas de atuação na área. Em um momento histórico em que é necessário reconhecer as lutas sociais como lutas para a sobrevivência de grupos marginalizados (ou seja, grupos que têm tido suas existências sistematicamente apagadas das produções de conhecimento legitimadas pela universidade), faz-se urgente reconhecer e superar uma concepção que entende o corpo de tradutoras/es e intérprete de Libras como transparente ou, em outras palavras, como apenas um suporte (supostamente “neutro”) para uma língua visual-gestual. Nesse bojo, compreendemos que

As lutas sociais também são cenários pedagógicos onde os participantes exercem suas pedagogias de aprendizagem, desaprendizagem, reaprendizagem, reflexão e ação. Basta reconhecer que as ações dirigidas a inverter a ordem do poder colonial partem com frequência da identificação e reconhecimento de um problema, anunciam a inconformidade com a oposição à condição de dominação e opressão, organizando-se para intervir; o propósito: derrubar a situação atual e fazer possível outra coisa (WALSH, 2013, p. 13-4).

Na medida em que pretendemos fazer circular a possibilidade e a potencialidade de *outros* corpos no cenário da tradução e interpretação em Libras, buscamos, também, fazer ventilar *outros* pensamentos nesse campo de formação, anunciando prá-

ticas possíveis para a decolonização do imaginário de educadoras/es e profissionais intérpretes, evidenciando que a materialidade dos corpos que sinalizam podem ser espaços que contestam concepções normativas e que, justamente por sua inescapável visibilidade, atravessam e também compõem esses discursos em Libras.

Referências

ABREU, F. S. D. *Experiências linguísticas e sexuais não hegemônicas: um estudo das narrativas de surdos homossexuais*. 2015. 184 fls. Dissertação (Mestrado em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde) — Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2015.

ALBRES, N. A. *Afetividade e subjetividade na interpretação educacional*. Rio de Janeiro, RJ: Ayvu, 2019.

_____. Estudo léxico da libras: uma história a ser registrada. In: LACERDA, C. B. F.; SANTOS, L. F. (Orgs.). *Tenho um aluno surdo, e agora?* São Carlos, SP: Universidade Federal de São Carlos, 2014. p. 127-48.

ARAÚJO, B. R. N. *A escolarização de indígenas terena surdos: desafios e contradições na atuação do tradutor intérprete de línguas de sinais TILS*. 2018. 148 fls. Dissertação (Mestrado em Educação) — Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, MS, 2018.

AZEVEDO, M. P. Corpos em resistência: um olhar sobre a noção de heterotopia de Michel Foucault. *Revista Colineares*, Mossoró, v. 5, n. 2, p. 3-17, jul./dez. 2018.

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a língua brasileira de sinais, Libras, e o artigo 18 da lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. *Diário Oficial da União*, 23 dez. 2005.

_____. Lei nº 10.436, de 24 de abril 2002. Dispõe sobre a língua brasileira de sinais, Libras e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, 25 abr. 2002.

CRUZ, M. G. *As tensões entre pós-estruturalismo e marxismo na obra de Norman Fairclough*. 2019. 95 fls. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2019.

DIAS, A.; ABREU, W. F. Por uma didática decolonial: aproximações teóricas e elementos categoriais. *Revista Diálogo em Educação*, Curitiba, v. 19, n. 62, p. 1216-33, 2019. <https://doi.org/10.7213/1981-416X.19.062.AO01>

FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ASSOCIAÇÕES DOS PROFISSIONAIS TRADUTORES E INTÉRPRETES E GUIA-INTÉRPRETES DE LÍNGUA DE SINAIS – Febrapils. *Código de conduta e ética*. Fortaleza, CE, 2014. Disponível em <<http://febrapils.org.br/documentos/>>. Acesso em: 4 jan. 2019.

FOUCAULT, M. *O corpo utópico, as heterotopias*. São Paulo, SP: n-1, 2013.

FURTADO, R. S. S. *Narrativas identitárias e educação: os surdos negros na contemporaneidade*. 2012. 122 fls. Dissertação (Mestrado em Educação) — Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2012.

_____. *Narrativas de sujeitos surdos negros: a dupla diferença presente no corpo*. In: ENCONTRO REGIONAL VIVENCIANDO UMA ESCOLA PARA TODOS, 2. 2011, Guaíba. *Anais...* Guaíba, RS: Universidade Luterana do Brasil, 2011.

GROSFOGUEL, R. Descolonizando los universalismos occidentales: el pluriversalismotransmoderno decolonial desde Aimé Césaire hasta los zapatistas. In: CASTRO-GÓMEZ, S.; GROSFOGUEL, R. (Org.). *El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Siglo de Hombre, 2007. p. 63-77.

HARRISON, K. M. P. Libras: apresentando a língua e suas características. In: LACERDA, C. B. F.; SANTOS, L. F. (Orgs.). *Tenho um aluno surdo, e agora?* São Carlos, SP: Universidade de São Carlos, 2014. p. 27-36.

HIRATA, H. *Gênero, classe e raça: interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais*. *Tempo Social: Revista de Sociologia da USP*, São Paulo, v. 26, n. 1, jan./jun. 2014. <https://doi.org/10.1590/S0103-20702014000100005>

KLEIN, M. Gênero e surdez. *Reflexão e Ação*, Santa Cruz do Sul, v. 15, n. 1, p. 1-12, jan./jun. 2007. <https://doi.org/10.17058/rea.v15i1.225>

KOTAKI, C. S.; LACERDA, C. B. F. O intérprete de Libras no contexto da escola inclusiva: focalizando sua atuação na segunda etapa do ensino fundamental. In: LACERDA, C. B. F.; SANTOS, L. F. (Orgs.). *Tenho um aluno surdo, e agora?* São Carlos, SP: Universidade de São Carlos, 2014. p. 201-18.

LACERDA, C. B. F. Tradutores e intérpretes de língua brasileira de sinais: formação e atuação nos espaços educacionais inclusivos. *Cadernos de Educação (UFPel)*, Pelotas, v. 36, p. 133-53, maio/ago. 2010.

_____. O que dizem/sentem alunos participantes de uma experiência de inclusão escolar com aluno surdo. *Revista Brasileira de Educação Especial*, Marília, v. 13, n. 2, p. 257-80, maio/ago. 2007. <https://doi.org/10.1590/S1413-65382007000200008>

_____. A inclusão escolar de alunos surdos: o que dizem alunos, professores e intérpretes sobre esta experiência. *Cadernos do Cedes*, Campinas, v. 26, n. 69, p. 163-84, maio/ago. 2006. <https://doi.org/10.1590/S0101-32622006000200004>

LIMA, V. A. *A educação museal no pensamento museológico contemporâneo: musealidade da educação e delineamentos para uma proposta política educacional a partir do uso social da memória*. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) — Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2017.

MARTINS, V. R. O. *Educação de surdos no paradoxo da inclusão com interprete de língua de sinais: relações de poder e (re)criações do sujeito*. 2008. 149 fls. Dissertação (Mestrado em educação) — Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2008.

MIGNOLO, W. D. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. *Cadernos de Letras da UFF*, Niterói, n. 34, p. 287-342, 2008.

MILANEZ, N. O corpo é um arquipélago: memória, intericonicidade e identidade. In: NAVARRO, P. (Org.). *Estudos do texto e do discurso: mapeando conceitos e métodos*. São Carlos, SP: Claraluz, 2006. p. 153-79.

MIRANDA, C.; RIASCOS, F. M. Q. Pedagogias decoloniais e interculturalidade: desafios para uma agenda educacional antirracista. *Revista Educação em Foco*, Juiz de Fora, v. 21, n. 3, p. 545-72, out./dez. 2016. <https://doi.org/10.22195/2447-524620162119866>

MORAIS, C. D.; MONTEIRO, M. S. Variação linguística entre surdos negros e surdos brancos na ASL: desenvolvimento histórico. *Polifonia*, Cuiabá, v. 25, n. 37, p. 171-310, jan./abr. 2018.

NEGREIROS, K. A.; BARROS, A. L. E. C. A construção de sentidos no processo de tradução/interpretação português/Libras. In: BARROS, A. L. E. C.; CALIXTO, H. R. S.; NEGREIROS, K. A. (Orgs.). *Libras em diálogo: interfaces com a tradução e interpretação*. Campinas, SP: Pontes, 2017. p. 155-84.

OLIVEIRA, L. F.; CANDAU, V. M. F. Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v. 26, n. 1, abr. 2010. <https://doi.org/10.1590/S0102-46982010000100002>

QUADROS, R. M. *O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa*. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2004.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, E. (Org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais*. Buenos Aires: Clacso, 2005. p. 107-30.

RIBEIRO, J. A. K. A lesbianidade e a surdez. *Periodicus*, Salvador, v. 1, n.7, p. 179-191, maio/out. 2017.

RODRIGUES, C. H. Competência em tradução e línguas de sinais: a modalidade gestual-visual e suas implicações para uma possível competência tradutória intermodal. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, v. 57, n. 1, jan./abr. 2018. <https://doi.org/10.1590/010318138651578353081>

SANTOS, P. T. *A terminologia na língua de sinais brasileira: proposta de organização e de registro de termos técnicos e administrativos do meio acadêmico em glossário bilíngue*. 2017. 232 fls. Tese (Doutorado em Linguística) — Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2017.

SILVA, K. S. X. ; OLIVEIRA, I. M. O trabalho do intérprete de Libras na escola: um estudo de caso. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 41, n. 3, p. 695-712, set. 2016. <https://doi.org/10.1590/2175-623661085>

SANTIAGO, V. A. A. Polissemia na Libras: a significação e o contexto. In: LACERDA, C. B. F.; SANTOS, L. F. (Orgs.). *Tenho um aluno surdo, e agora?* São Carlos, SP: Universidade Federal de São Carlos, 2014.

VEDOATO, S. C. M. Relações entre surdez, raça e gênero no processo de escolarização de alunos surdos do Paraná. 2015. 66 fls. Dissertação (Mestrado em Educação) — Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR, 2015.

WALSH, C. Introducción: (re) pensamiento crítico y (de) colonialidad. In: WALSH, C. *Pensamiento crítico y matriz (de)colonial: reflexiones latinoamericanas*. Quito: Abya-Yala, 2005. p. 13-25.

_____. Interculturalidade crítica e pedagogia decolonial: in-surgir, re-existir e re-viver. In. CANDAU, V. M. (Org.). *Educação intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas*. Rio de Janeiro, RJ: 7 Letras, 2009. p. 12-42.

_____. Lo pedagógico y lo decolonial: entretejiendo caminos. In: WALSH, C. (Org.). *Pedagogías decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir*. Quito: Abya-Yala, 2013. p. 23-68.

Submetido em: 09/07/2020

Aceito em: 20/09/2020

Sobre a autora

Janaina Cabello

Professora do curso de Tradução e Interpretação Libras/Língua Portuguesa da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Doutoranda e mestra pela Faculdade de Educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Coordenadora do Grupo de Estudos Diferenças e Surdez em pauta (UFSCar).

E-mail: janainacabello@ufscar.br